

# Canela-maçã

Mariana Marques



Ilustração: Marta Cardoso 2007 – 6º ano – Oporto British School

I

Tamino era o mais velho de cinco irmãos. O mais velho porque nasceu primeiro. Não que a cegonha não gostasse do seu terno cheirinho a maçãs, mas porque uma mulher desejava ser mãe a tempo inteiro. Ser mãe dá muito trabalho. Exige mesmo o tempo do tempo inteiro! Há que amamentar, acordar, adormecer, aconchegar, mimar, educar, tantos verbos afeiçoados ao amar! A mãe gostou tanto de amar o Tamino que decidiu ter mais quatro filhos para amar. Pensou no nome deles em voz alta a cada nove meses de barriga, pois não segurava a boca de tanta agitação. Pensou muito nos nomes, como qualquer mãe, pois o nome das coisas dá vida às coisas sem vida. Da boca ao ouvido, andam de boca em boca sem nunca se diluírem no espaço e no tempo. Nessas noites quentinhas, tão quentinhas como o zelo das mães, a mãe dizia na quintarola florida ao céu dos paraís: “ João da Carochinha, Pedro do lobo, Ariana das fadas e Brancaflor”. Olhava-se ao espelho admirando o ventre

ressuscitado. De cada vez que engravidava, a infância corria-lhe a memória às voltas e cada história lembrada provocava um espasmo de sabor azulado. As águas amnióticas desta mãe eram azuis, o seu sangue, vermelho, como qualquer sangue.

## II



Ilustração: Marta Cardoso 2007 – 6º ano – Oporto British School

Entre pétalas mensageiras, nasceram as crianças. Cada uma das pétalas impregnava na criança um sentimento inaudito. O cordão umbilical desta mãe foi eficaz. Regenerou todas as mágoas do mundo através de toda uma luz de significações – num campo agreste, um trilho de estrelas. A mãe passeava as crianças que corriam com as cabeças viradas para o chão e os calcanhares travessos volteados no assobio das esferas. Todas as crianças caem redondas sem parar. Giram os ponteiros do relógio ao som de um metalofone velado que as afasta do medo das horas. A contar pelos dedos perguntam à mãe, *Vais amar-me até eu morrer?* O universo sucumbe aos sons guturais. Quer juntar-se a eles numa das tardes outrora vividas. As crianças respondem com palmas, *Que venha toda a gente! Toda a gente e mais ninguém!* E dançam tão miúdas as gargalhadas do sonho! Caíram os lenços dos olhos aos que se envolviam na roda-viva perpétua. Os velhos cajados são agora chupa-chupas de soprar. Um suspiro ingénuo celebra vidas, como se todos os dias contemplássemos o mar pela primeira vez.

### III

Uma pequena mãozinha à janela observa fragmentos de vida. O cotovelo é beijado pela mãe que se agasalha ao som da concertina boreal. Está na hora de começar mais um dia com torradas e mel na citadina percussão diária. Novamente, o metalofone gigante embala a urbe agora apaziguada. Tal como o uivo da loba no frio das montanhas, o riso das crianças aquece o dia. O vento conduz os pequenos acenos infantis aos atentos transeuntes anônimos. A dança das crianças é aplaudida pelo som encantatório dos sinos da igreja aos Domingos de manhã. Só elas detêm o segredo dos deuses correndo nas suas veias canela-maçã. As mães a tempo a inteiro conseguem fazer das suas crianças seres a tempo inteiro. As crianças que tiveram direito a ser crianças guardam o azul maternal nas suas línguas, e os seus cabelos, sementes caídas, fazem germinar novos chapéus de palha em velhas cabeças, um amanhecer áureo em cada cenário, um grito de criança a cada nascimento, o sol agradecido a cada alvorecer.

### FIZ OU NÃO FIZ?



*Ilustração de Fedra Santos*